

A NECESSIDADE DE UMA NOVA FUNDAMENTAÇÃO MORAL NA CONTEMPORANEIDADE?

THALES VARGAS RODRIGUES¹; PROF. DR. CLADEMIR LUIS ARALDI.³

1 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS1 – e-mail: thales.rodrigues2@hotmail.com 1

3 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – e-mail do orientador: clademir.araldi@gmail.com 3

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem o intuito de abordar a temática da crise da racionalidade moderna sobre a perspectiva de suas implicações morais, mais especificamente, sobre a seguinte problemática: há necessidade de uma nova fundamentação moral na contemporaneidade?

Compreendemos que essa questão, afeta outras áreas do saber, como, a do direito e da epistemologia. Por causa da crise que a racionalidade moderna sofre não só com a queda dos grandes sistemas metafísicos [a cosmovisão grega, romana e cristã], como também o fracasso do empreendimento humanista-tecnológico, onde ocorreu a fusão dos ideais iluministas e as práticas econômicas capitalistas.

Os progressos que a racionalidade moderna alcançou com essa união, favoreceu o fortalecimento das perspectivas céticas e relativistas de mundo (o espírito deste período). Uma vez que a racionalidade iluminista não consegue mais oferecer uma visão coerente e precisa do mundo, ou seja, não há mais um sistema filosófico, científico ou religioso que conceda sentido às coisas como uma condição necessária de verdade.

Vale ressaltar que essa falta de sentido fez com que a racionalidade iluminista-capitalista fosse tomada pela obsessão patológica de criar sentido para a vida humana. Como consequência dessa patologia, ela começou a exercer uma força opressora sobre o indivíduo, visando moldar suas ações, crenças e personalidade através dos mecanismos da economia e religião.

Frente a esse quadro catastrófico e insustentável que a racionalidade moderna legou a contemporaneidade, não seria melhor propor uma nova forma de racionalidade ou ainda, um novo fundamento que não seja a razão? Um fundamento que substitua a concepção de verdade universal e pronta, por outra a construir-se e em caráter provisório? Todas essas indagações nos levam ao objetivo de discutir e pensar sobre a urgência de construirmos uma nova base para a racionalidade, para que a partir dela possamos formar uma nova moralidade.

Nesse sentido, visando buscar responder esse problema, ou ainda, apenas apontar a necessidade de seguirmos adiante em direção a uma nova proposta de racionalidade [o que é a nossa intenção], pretendemos alcançar esse objetivo a partir de três movimentos: o primeiro, refutar a racionalidade iluminista e demonstrar o motivo pelo qual ela deve ser ultrapassada ou ainda reformulada, usando uma crítica severa ao seu processo de dominação que impede o homem de se realizar de forma autônoma. Essa crítica será baseada nos apontamentos de Adorno e Horkheimer [feitos em sua obra, *A Dialética do Esclarecimento*], em consonância com a crítica de Nietzsche à religião. Buscando demonstrar que a racionalidade iluminista-capitalista tem duas frentes: a econômica e a do discurso religioso. Em um segundo momento, serão apresentadas as propostas de Habermas, de maneira sucinta, como possíveis alternativas para substituir a velha racionalidade [por uma racionalidade dialógica e cooperativa]; e por fim, será feito

considerações sobre essa proposta, buscando demonstrar seus avanços e o perigo de uma teoria que se sustente sobre a linguagem.

2. METODOLOGIA

Esse artigo é resultado de uma disciplina de mestrado, que visa, pensar a problemática da construção de uma nova base para moral, com o intuito de contemplar os novos desafios da contemporaneidade, a partir do recorte da teoria habermasiana do “Agir comunicativo”. No decorrer do desenvolvimento do trabalho, não só foi feito um levantamento de literatura especializada sobre a teoria de Jürgen Habermas, usando comentadores, artigos de especialistas e o contato direto com a obra do filósofo. Além disso, também foi utilizado material complementar que deram tanto apoio, quanto criticaram suas ideias, mostrando seus limites. As primeiras críticas foram feitas a Adorno, Horkheimer e Nietzsche, e a segunda, a Nietzsche e a Wittgenstein.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre ‘a necessidade de uma nova fundamentação moral para a contemporaneidade’, que surgiu com a crise da racionalidade moderna, é sem dúvidas uma questão muito fecunda em debates, devido ao grande mar de possibilidades que essa queda causou. Os sistemas universais de valores, estão desacreditados e nunca houve tanto ceticismo em relação a eles, porém, por sermos seres gregários, precisamos de uma normatização mínima para o convívio em sociedade. Só esse aspecto, já justifica o debate filosófico e a relevância de analisarmos essas novas propostas. Ao debruçarmos sobre a proposta habermasiana do “Agir Comunicativo”, encontramos a necessidade de demonstrar o porquê ela seria necessária, o que justificou o nosso ataque a racionalidade moderna, a qual defendemos que ela é patológica e mostramos uma alternativa a ela apresentando a proposta de Habermas e na última parte do trabalho olhamos mais de perto a proposta de Habermas demonstrando seus avanços e vantagem frente a racionalidade iluminista, como, por exemplo, a superação das dicotomias verdade-falsidade e sujeito-mundo; entretanto, também foi afirmado os limites que a linguagem tem em ser a mediadora entre o homem, os outros indivíduos e o mundo, como, a necessidade de ela fazer empréstimos da cultura para conceitos que ela nada pode predicar.

No que se refere aos resultados encontrados, podemos demonstrar que mesmo que tomemos a linguagem como um ato de fala, ou seja, como uma ação em si. Ela ainda tem limites que impedem a sua neutralidade, como a dinamicidade de formas e significados que as palavras têm de acordo com a sociedade à qual pertencem. Além disso, há ocasiões em que a comunicação não é precisa, mesmo que as premissas de validade [verdade, retitude, veracidade e inteligibilidade] sejam respeitadas. Isso ocorre porque há termos que existem em um idioma e não em outro, resultando em adaptações e distorções, o que demonstra que ela não é neutra, já que a cultura determina sua função e utilidade.

4. CONCLUSÕES

O ponto inovador desse artigo, é explicitar que a proposta dada por Habermas a problemática contemporânea da necessidade de uma nova fundamentação moral baseada na linguagem pragmática do cotidiano, considera apenas o aspecto

lógico-proposicional e não se atenta para o outro aspecto que também, constitui a linguagem. O aspecto moral presente na cultura.

Ademais, a teoria do agir comunicativo ao estabelecer por meio da linguagem regras de validade [para nortear a ação deliberativa] e uma comunidade linguística para mediar o discurso entre os indivíduos socialmente ativos. Cria a necessidade de que linguagem seja neutra, isto é, que ela seja em sua estrutura movida por um aspecto lógico-proposicional que garanta a sua imparcialidade no que se refere ao conteúdo do que é dito, por intermédio das regras que norteiam o diálogo [compreensibilidade, verdade, veracidade e correção].

Entretanto, essa necessidade parece-nos estar mais adequada para a racionalidade instrumental no aspecto do agir estratégico que se apresenta no 'mundo do trabalho'. Que se torna presente no cálculo de interesses, muito mais próximo de uma ética aos moldes do positivismo lógico que inviabiliza o debate ético do qual Habermas pretende. Uma racionalidade dialógica que não se limita a linguagem lógica, justamente porque tem por intuito lidar com temas transcendentais que perpassam a vida humana, como, por exemplo, a ética e a religião.

Nesse sentido, que se torna importantíssimo a nossa observação de não minimizar [ou desconsiderar] a importância da moralidade na constituição da linguagem, o que impede a mesma de ser neutra. Devido ao fato de que, nem todos os significados e interpretações dos conteúdos que se tornam conceitos expressos pela estrutura gramatical da língua, são percebidos por nós de maneira consciente. Muitos pressupostos que são basilares para o nosso discernimento, são inconscientemente infundidos em nós como princípios axiomáticos pela cultura, devido a linguagem não conseguir achar uma correspondência direta para eles no mundo, por exemplo, ao definirem o que é a "justiça", "honestidade", "igualdade", "amor", "ódio", "beleza", "bondade", "vontade" e "universalidade".

Outrossim, a linguagem do cotidiano não pode ser neutra. Ela precisa estabelecer e obedecer a parâmetros não somente de sua lógica, mas também de sua relação com a cultura para conseguir abarcar e dar sentido as palavras e conceitos que por si mesmos são vazios. Para poder existir tais parâmetros para a linguagem garantir a sua coerência interna, a linguagem irá tomar empréstimos da moralidade para dar o conteúdo a cada um destes conceitos. E é nesse momento, que a moralidade irá se tornar esse parâmetro nivelador, por ter esse papel normativo de proporcionar significado as ações e a partir deles construir proposições, conceitos e juízos, que se tornam basilares para a racionalidade dialógica que tem a pretensão de ser pragmática e suas aplicações se desdobram em Habermas para as esferas da política e do direito.

Consequentemente, tais desdobramentos, demonstram a limitação que a moralidade implica ao processo deliberativo, pois, ela delimita até que ponto o consenso vai ocorrer devido a ela ser no ocidente resultado de um grupo religioso [cristianismo] e não de um processo deliberativo entre as outras moralidades existentes, o que demonstra o aspecto normativo e excludente.

Portanto, a moralidade ao influenciar a linguagem, torna-se um parâmetro nivelador para o discurso, pois, se ela ao fazer empréstimos a linguagem para definir conceitos vazios, esses conceitos basilares de "justiça", "honestidade", "igualdade", "amor" e "universalidade", são todos incorporados inconscientemente pela comunidade linguística e com isso ela já invalida qualquer discurso que não se adequem a esses princípios. E por serem dados pela moralidade por meio da cultura, se a cultura é diferente, o conteúdo e significado desses valores mudam e

já não são novamente neutros pois contam com a rejeição ou aceitação dos atores sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, G. **Verdade e Interpretação**. Tradução: Clademir Luís Araldi, revisão: André Luís Mota Itaparica. In: MARTON, S. (org.). Nietzsche na Alemanha. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Ijuí, 2005. (Coleção sendas e veredas. Série recepção).
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1985.
- BETTINE, Marco. **A Teoria do Agir Comunicativo de Jurgen Habermas: bases conceituais / Marco Bettine** — São Paulo: Edições EACH, 2021, e-book.
- GIACOAIA, Junior. O. **“Semelhanças de Família”**. *Limiar*. V. 4 n. 8. p. 204-226. 2017, p.207.
- HABERMAS, Jürgen; GARCÍA COTARELO, Ramón. **Conciencia moral y acción comunicativa**. (No Title), 1996.
- HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. 2. ed. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002c.
- HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo**. v. 1. Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MÜHL, Eldon Henrique. **Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- NIETZSCHE. Friederich. **Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma filosofia do futuro**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza— 1 edição — São Paulo: Companhia de bolso, 2018.
- NIETZSCHE. Friederich. **A Gaia Ciência**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE. Friederich. **A Genealogia da Moral**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza — 16 edição — São Paulo: Companhia de bolso, 2009.
- NIETZSCHE. Friederich. **Crepúsculo Dos Ídolos**; Tradução, Notas e Posfácio Paulo César De Souza. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE. Friederich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**; Tradução, Notas e Prefácio Pedro Sussekind. - [4.ed.] - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- NIETZSCHE. Friedrich. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe** (= KSA: 15 vols.). Hrsg. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999.
- NIETZSCHE. Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. Hedra, 2007.
- REALE. Giovanni. **Filosofia: Idade Contemporânea, vol. 3** / Giovanni Reale, Dario Antiseri [tradução José Bartolini]. — 2.ed. rev. E ampl. — São Pulo: Paulus, 2018. Coleção Filosofia.
- RICHARDSON. J. **Nietzsche's Values**. New York: Oxford University Press, 2020.
- WITTGENSTEIN. Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 2022.
- ZATTI, Vicente. **Habermas e a reconstrução comunicativa do projeto da modernidade**. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 6, n. 2, p. 283-312, 2015.